



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

## **AUTOMEDICAÇÃO: CONHECIMENTO, PRÁTICA E ATITUDE DOS PACIENTES COM DCNT NAS ESF DE TUPANCIRETÃ/RS <sup>1</sup>**

**Taila Tairini Brandt<sup>2</sup>, Hellen Marisco Brollo<sup>3</sup>, Juliane Gruhn Bonatto<sup>4</sup>,  
Joline Da Silva Felipetto<sup>5</sup>, Themis Goretti Moreira Leal De Carvalho<sup>6</sup>**

<sup>1</sup> Projeto PIBEX UNICRUZ - Extensão.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Biomedicina da UNICRUZ, atuante no Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ, Bolsista voluntária do projeto PIBEX/UNICRUZ.

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Fisioterapia da UNICRUZ, atuante no Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ, Bolsista voluntária do projeto PIBEX/UNICRUZ.

<sup>4</sup> Acadêmica do curso de Fisioterapia da UNICRUZ, atuante no Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ, Bolsista voluntária do projeto PIBEX/UNICRUZ.

<sup>5</sup> Acadêmica do curso de Farmácia da UNICRUZ, atuante no Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ, Bolsista voluntária do projeto PIBEX/UNICRUZ.

<sup>6</sup> Professora Adjunta do Centro de Ciências da Saúde e Agrárias da UNICRUZ. Líder do Grupo de Pesquisa em Saúde Coletiva da UNICRUZ

### **RESUMO**

**Introdução:** a automedicação é uma forma comum de auto-atenção à saúde, consistindo no consumo de um produto, com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou doenças percebidos, ou mesmo de promover a saúde, independentemente da prescrição profissional. **Objetivo:** descrever o conhecimento, atitudes e práticas da população com doenças crônicas cadastradas nas ESF de Tupanciretã/RS sobre a utilização da automedicação. **Metodologia:** estudo descritivo e analítico de rastreamento epidemiológico observacional desenvolvido com 60 pacientes com doenças crônicas não transmissíveis. **Resultados:** dentre os pesquisados, 76,7% afirmam já ter se automedicado. Além disso, 81,7% afirma que esta prática é prejudicial à saúde. Os analgésicos (22%) e os anti-inflamatórios (19,5%) mostraram-se os medicamentos mais utilizados. Quanto aos medicamentos que não são mais utilizados, 44% da amostra afirma descartá-los no lixo comum. **Conclusão:** fica claro a importância da conscientização sobre a automedicação e o descarte adequado dos medicamentos para uma melhora na qualidade de vida.

### **INTRODUÇÃO**

A automedicação é conceituada como a prática de ingerir substâncias de ação medicamentosa sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado (PAULO & ZANINI, 1988, OMS, 2005 apud CASTRO *et al.* 2015). A autoprescrição, ou seja, o uso por conta própria de remédios contendo tarja vermelha ou preta na embalagem, e que só devem ser utilizados sob prescrição médica, é extremamente perigosa e inaceitável segundo a OMS (OMS, 2005 apud CASTRO *et al.* 2015).

O uso adequado de medicamentos como parte do cuidado integral possibilita o controle de doenças, redução de morbimortalidade e melhoria da qualidade de vida dos usuários portadores de diversas condições de saúde (MATTA, *et al.* 2018). Todavia, o uso irracional de medicamentos pode



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

trazer inúmeros malefícios. De acordo com estatísticas do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no ano de 2002, os medicamentos responderam por 27% das intoxicações no Brasil, e 16% dos casos de morte por intoxicações foram causados por medicamentos. De acordo com a Associação Brasileira das indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), 80 milhões de pessoas se automedicam, e não cumprem a apresentação obrigatória da receita médica, além disso, são carentes de informação e instrução necessária (ABIFARMA, 2018).

Observa-se também que o uso inapropriado de medicamentos pode ter consequências como surgimento de eventos adversos (incluindo os letais); de resistência a antibacterianos; farmacodependência; entre outros (SOUSA, *et al.* 2009).

Segundo Musial (2007), automedicar-se pode ser nocivo à saúde, tanto individual quanto coletivo, tendo em vista que nenhum medicamento é inofensivo ao organismo, todos produzem reações, sejam elas positivas ou negativas. Os medicamentos utilizados popularmente são os remédios para dores, e são considerados “banais” pela sociedade, porém podem acarretar inúmeros efeitos indesejados, assim como encobrir os sintomas de doenças, podendo passar despercebidas e desta forma, ir progredindo e podendo aumentar o risco para determinadas neoplasias.

Embora, no Brasil, haja a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para venda e propaganda de medicamentos que possam ser vendidos livremente, não há orientação ou regulamentação adequada para quem usufrui destes medicamentos (MUSIAL, 2007).

Com o aumento da população idosa no Brasil, os profissionais da saúde estão vivendo desafios diários visto que junto com o envelhecimento vem às patologias crônicas entre elas a diabetes, hipertensão arterial sistêmica (HAS), doenças osteoarticulares, isso faz com que esses indivíduos dependam mais de tratamento medicamentoso. Os idosos são mais vulneráveis aos problemas agudos como infecções e transtornos o que faz com que esse grupo seja o mais medicalizado da sociedade (ANTUNES CASCAES, 2008).

Apesar de não poder evitar a automedicação, há caminhos para diminuí - lá como, por exemplo, programas de orientação para profissionais de saúde e população em geral, desenvolvimento de políticas públicas para a adequação de estrutura e recursos humanos em todas as unidades de saúde, fiscalização apropriada das propagandas e das vendas de medicamentos sem prescrição médica (MUSIAL, 2007).

No presente trabalho é apresentado um estudo sobre a automedicação, com o objetivo de descrever o conhecimento da população com doenças crônicas cadastradas nas ESF de Tupanciretã/RS sobre a utilização da automedicação, assim como as atitudes e práticas adotadas perante a iniciativa de automedicar-se. Procuramos analisar aspectos problemáticos advindos da utilização da automedicação, identificar quais medicamentos são mais utilizados, investigar qual o destino da medicação que não é mais utilizada, avaliar como e porque a população adquire medicamentos não prescritos e constatar o uso de medicamentos e a frequência deste uso. Foram considerados como automedicação o uso de medicamentos por iniciativa própria, ou por recomendação ou indicação de outros que não um profissional médico ou odontólogo, incluindo aí



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

balconistas de farmácia, farmacêuticos, amigos, vizinhos e outros.

## METODOLOGIA

O projeto tem características de um estudo descritivo e analítico de rastreamento epidemiológico observacional que seguiu as recomendações preconizadas pelo Ministério da Saúde, 2014. A observação participante proposta por Demo (2004) permeou todas as atividades, para que fosse captar uma variedade de situações ou fenômenos que auxiliaram na compreensão dos sujeitos do estudo.

A população do presente estudo foi composta por pessoas portadoras de doenças crônicas não transmissíveis, cadastradas na ESF 01 e na UBS Dr. Evandro Vianna Bopp de Tupanciretã/RS. A amostra constou de “22” sujeitos cadastrados na ESF 01, “38” sujeitos cadastrados na UBS.

Os dados foram coletados, por meio da aplicação de um questionário e observação participante. O questionário é adaptado de PEIXOTO (2007), e foi utilizado em uma pesquisa do curso de Enfermagem da Universidade Fernando Pessoa, Polo Ponte de Lima, no âmbito de sua licenciatura no ano de 2007. Os dados foram analisados através da estatística descritiva sobre a forma de percentuais. Após a análise dos dados todos os envolvidos receberam um Folder com reflexões e orientações sobre a "Automedicação".

Figura 1 e 2 : Entrega de Folder educativo - reflexão com os participantes da pesquisa



Fonte: Acervo fotográfico do Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva

Os dados foram analisados através da estatística descritiva sobre a forma de percentuais. Após a análise, reflexão e discussão dos dados encontrados, foi elaborado um plano de educação e



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

saúde, visando a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos participantes do projeto, ajudando-os a vencer barreiras, a conquistar dignidade, buscando um estilo de vida tão normal e integral quanto possível, recuperando parte das funções perdidas, garantindo uma vida mais digna e produtiva.

Para o atendimento a Resolução 466/2012, denominadas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, o projeto é aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ - Número do Parecer: 1.071.586.

## RESULTADOS

O estudo analisou 60 indivíduos, dos quais 68,3% eram do gênero feminino e 31,7% do gênero masculino, sendo que 43,4% tinha 51 anos ou mais. Apenas 8 sujeitos afirmaram ter iniciado a graduação, porém somente 4 concluíram. Quanto à profissão, 27% do total da amostra não exerciam atividades remuneradas, sendo consideradas do lar.

Observou-se que o percentual de automedicação é maior entre as mulheres quando comparado com os homens. Dentre os 76,7% dos participantes que afirmaram se automedicar, 65,2% eram do gênero feminino.

Verificou-se que 81,7% dos indivíduos crê que a automedicação é prejudicial à saúde, 11,7% não sabe ou não respondeu, e apenas 6,6% afirmou crer que não há malefício algum. Além disso, 15% afirmou ser dependente desta prática e 15% declarou já ter tido algum tipo de mal-estar depois de ter feito uso do remédio.

Em relação aos medicamentos, 68,3% das pessoas afirmaram ter utilizado recentemente, sendo que os mais utilizados são analgésicos (22%) e anti-inflamatórios (19,5%), seguidos por remédios para hipertensão arterial (HAS) (13,4%) e ansiolíticos (11%).

A respeito da influência na prática da automedicação, 29% da amostra declarou ter tido influência por amigos e familiares, 18,8% por prescrições anteriores, 18,8% por profissionais da saúde (exceto médicos), 16% tinham os medicamentos em casa e 17,4% não responderam.

Também foi observado que os motivos que levam a esta prática, mostraram-se associados principalmente à facilidade de adquirir os medicamentos (29,5%), à crença de que se tem conhecimento suficiente para se automedicar (16,7%), à influência de amigos e familiares (16,7%) e ao fato de que algumas pessoas não se sentem confortáveis de ir até o médico profissional de saúde (15%).

Diante disso, os participantes foram questionados acerca do descarte dos medicamentos que não são mais utilizados, 43,6% dos sujeitos afirmam descartá-los no lixo comum, 21% dizem entregar em órgãos da saúde, 19,3% declaram não sobrar medicações e 9,7% tem o costume de armazená-los em casa.



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

## DISCUSSÃO

Musial, Dutra e Becker (2007) afirmam que as pessoas com um maior nível de escolaridade são as que mais utilizam da automedicação, pois julgam-se capazes de se automedicarem, devido possuírem mais informações e tornam-se então mais confiantes. Já Nascimento e Valdão (2012) declaram que a familiaridade e o aumento da comercialização de medicamentos deve tornar o consumo inapropriado um hábito cada vez mais comum.

Quanto ao gênero, de acordo com Bertoldi et al. (2004), as mulheres estão mais sujeitas à medicalização devido à sua maior procura por serviços de saúde e por terem mais preocupação com sua saúde que os homens.

Devido ao uso contínuo e prolongado, 15% dos pesquisados afirmaram ser dependentes destas medicações. Segundo o Departamento de Psicobiologia da Unifesp/EPM, dependência é o impulso que leva a pessoa a usar uma droga para obter prazer ou aliviar tensões, ansiedades, sensações físicas desagradáveis, etc. O dependente caracteriza-se por não conseguir controlar o consumo, agindo de forma impulsiva e repetitiva. Segundo Musial, Dutra e Becker (2007), o ato de se automedicar é um fenômeno potencialmente prejudicial, pois nenhum medicamento é inócuo a saúde, o uso inadequado destas substâncias pode acarretar diversas consequências para o organismo, como reações de hipersensibilidade, dentre outras.

Constatou-se que os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos (22%) e os anti-inflamatórios (19,5%), resultados semelhantes foram encontrados no estudo realizado por Bertoldi et al. (2004), onde foram questionadas 3182 pessoas e foi possível constatar que os analgésicos e anti-inflamatórios foram os medicamentos com maior frequência de utilização.

Ladeira, Araujo e Santini (2015 apud LIMBU; TORRES, 2009) afirmam que é comum o consumidor buscar fontes alternativas de informações como a indicação de amigos e meios de propaganda, quando não possui dados suficientes para a tomada de uma decisão.

De acordo com o estudo de Ascari et al. (2014), dentre os 200 participantes da pesquisa, 71% afirmou se automedicar, justificando esta prática por acreditar ser desnecessário a ida ao médico acrescentando que tem facilidade em obter os remédios e estão habituados a comprá-los.

Quanto ao descarte, Gasparini, Gasparini e Frigieri (2011) obtiveram resultados semelhantes em seu estudo, 30,45% da amostra descartavam os medicamentos no lixo comum.

Concebendo-se a ideia de desenvolvimento de um ponto de vista histórico, a produção e a utilização de medicamentos, alavancadas após o avanço tecnológico e o crescimento industrial e capitalista, passaram a ocupar um espaço importante, especialmente por uma crença em seus poderes, alheia ao seu real propósito sanitário (BARROS, 2008).

Porém, é muito importante ter em mente que, uso abusivo de medicamentos, particularmente os isentos de prescrição, pode gerar graves consequências à saúde individual e coletiva, pois estes hábitos não podem ser facilmente modificados tanto por parte do usuário como pelo sistema de saúde (GIROTTO; MATOS; OLIVEIRA2010).



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

## CONCLUSÃO

Dessa forma, fica clara a importância da conscientização sobre a automedicação visto que no total de 60 indivíduos, 46 afirmam já ter se automedicado, o que é muito arriscado pois ela causa danos à saúde. Quanto em relação ao conhecimento sobre o risco da automedicação, a maioria dos indivíduos sabia que automedicar-se prejudica a saúde com 81,7% e apenas 6,6% relatou que não havia malefícios o que mostra que grande parte dos indivíduos mesmo tendo conhecimento sobre o assunto e sabendo que causa prejuízos à saúde, ainda assim continuam se automedicando.

Os medicamentos mais utilizados segundo a pesquisa foram os analgésicos com (22%) e os anti-inflamatórios (19,5%), sendo que um dos principais motivos de ocorrer a automedicação foi a facilidade de adquirir os medicamentos com 29,5% uma vez que esses medicamentos não precisam de receita médica para serem adquiridos.

E por fim, quando questionados sobre o descarte dos medicamentos, 43,6% dos indivíduos relataram que descartaram no lixo comum o que não deve ser feito, já que outros indivíduos podem entrar em contato com esse medicamento podendo causar uma intoxicação e também quando descartados em vasos sanitários e pias podem atingir a rede de esgoto causando graves problemas para o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Qualidade de vida; Hábitos; Medicação.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Camila Tamara Sousa. *et al.* **Avaliação dos hábitos associados à automedicação em uma farmácia comunitária em Aracaju-SE: A luz para o farmacêutico.** Sergipe: Cad. de Grad. - Ciências Biológicas e da Saúde, vol. 1, nº 15, 2012.

Antunes Cascaes, Edézio *et al.* **Perfil da automedicação de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil.** Arquivos Catarinenses de Medicina Vol. 37, no . 1, de 2008.

AQUINO, Daniela Silva de. **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?** Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, vol. 13, 2008.

ASCARI, Rosana Amora. *et al.* **Estratégia saúde da família: automedicação entre os usuários.** Santa Catarina: Revista Uningá Review, v. 18, nº 2, 2014.

BARROS, J.A.C. **Nuevas tendencias de la medicalización.** Ciência & Saúde Coletiva; p. 579-87, 2008.

BERTOLDI, Andréa D. *et al.* **Utilização de medicamentos em adultos: prevalência e determinantes individuais.** São Paulo: Rev. Saúde Pública; 38(2): 228-38, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: obesidade.** Brasília: Ministério da Saúde, 2014 (Cadernos de Atenção Básica, n. 38).



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

CASTRO, Clarisse. Interação medicamentosa: entenda os riscos de se medicar sem orientação. **Fundação Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 19 fev. 2015. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/interacao-medicamentosa-entenda-os-riscos-de-se-medicar-sem-orientacao>>. Acesso em: 04 abr 2018.

CASTRO, Helena C. *et al.* **Automedicação: Entendemos o risco?**. Rio de Janeiro: Infarma, v.18, nº 9/10, 2006.

D. Arrais, Paulo Sérgio, *et al.* Perfil da automedicação no Brasil. Rev. Saúde Pública vol. 31 no. 1 São Paulo Feb. 1997.

DEMO, P. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004 (Série Pesquisa em Educação, v.8)

FILHO, Antônio I. L. *et al.* **Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí**. Minas Gerais: Rev. Saúde Pública; 36(1): 55-62, 2002.

GASPARINI, Joice do Carmo; GASPARINI, André Renah; FRIGIERI, Mariana Carina. **Estudo do descarte de medicamentos e consciência ambiental no município de Catanduva-SP**. São Paulo: Ciência & Tecnologia: FATEC-JB, v. 2, nº 1, p. 38-51, 2011.

GIROTTO, E.; MATOS, D.B.S.; OLIVEIRA, J.M. **Perfil da automedicação em população residente de arapongas**. Paraná. Revista Espaço para a Saúde. Londrina, v. 11, n. 2, p. 29-38, 2010.

LADEIRA, Wagner Junior; ARAUJO, Clécio Falcão; SANTINI, Fernando de Oliveira. **A automedicação e a influência de grupos de referência: aplicação da técnica de análise discriminante no mercado de medicamentos over-the-counter**. Paraná: RECADM, v. 14, n. 1, p. 5-18, 2015.

LIMA, Geandra Batista. *et al.* **Uso de medicamentos armazenados em domicílio em uma população atendida pelo Programa Saúde da Família**. Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, vol. 15, 2010.

MARGONATO, Fabiana Burdini. *et al.* **Determinantes nas intoxicações medicamentosas agudas na zona urbana de um município do Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, vol. 24, nº 2, 2008.

MUSIAL, Diego Castro; DUTRA, Josiene Santos; BECKER, Tânia C. Alexandrino. **A automedicação entre os brasileiros**. Paraná: Rev. Saúde e Biol., v. 2, n. 2 p. 5-8, 2007.

NASCIMENTO, Jaqueline de Paula; VALDÃO, Gizelle Batista Mendes. **Automedicação: Educação para prevenção**. Góias: Anais eletrônicos da I CIEGESI, 2012.

PEREIRA, Januária Ramos. *et al.* **Riscos da automedicação: Tratando o problema com conhecimento**. Santa Catarina: UNIVILLE, 2006.

PEIXOTO, Joana Barbosa. **Automedicação no Adulto**. 2008. 87 f. Monografia (Licenciatura em Enfermagem) - Universidade Fernando de Pessoa, Portugal, 2007.



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

SILVA, Ilane Magalhães. *et al.* **Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde.** Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, vol. 16, 2011.

SINITOX. **Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas.** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2002.

SOUSA, I. F., et al. **Uso Racional de Medicamentos: Relato de Experiência no Ensino Médico da Unesc, Criciúma/SC.** Mato Grosso do Sul. Revista Brasileira de Educação Médica; 34 (3): 438-445; 2010.

VILARINO, Jorge F; Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. Rev. Saúde Pública vol. 32 no. 1 São Paulo Feb. 1998.

VOSGERAU, Milene Z. S.; SOARES, Darli A.; SOUZA, Regina K. T. **Automedicação entre Adultos na Área de Abrangência de uma Unidade Saúde da Família.** Paraná: Latin American Journal of Pharmacy, 27 (6): 831-8, 2008.